
SAINT-LAURENT DU MARONI:

CONTINUAÇÃO DE UMA VIAGEM ESCRITA

A Guiana, já o disse, é um país de contradições. O colonialismo vai corroendo toda a organização social e a economia baseia-se em relações de dependência crescentes com a UE e com a metrópole. Apesar disso, a distância a que se encontra de Paris, a convivência e similitudes encontradas com os povos das Caraíbas, a profunda cultura africana que se impôs ao longo de séculos de escravatura e a mestiçagem crescente (mas não exponencial) com povos latino-americanos e asiáticos tornam este pequeno pedaço do mundo numa mescla de sabores, ideias, culturas e línguas que procuro provar, assimilar, ver e compreender à luz da minha vivência e experiência.

Já escrevi sobre Saint Georges de l'Oyapock, no Sul, a caminho do Macapá e do Amapá, no vizinho brasileiro, terra empobrecida e fornecedora de migrantes para outros sonhos no Brasil e fora dele. Hoje, falarei do Noroeste. E do primeiro e decisivo contacto que tive com Saint Laurent du Maroni.

Apenas há uma única estrada guianense. Ela conduz-nos do rio Oyapock ao rio Maroni, ao longo do litoral. Quando pegamos no carro ou nos táxis coletivos que nos levam de Cayenne a Saint Laurent a paisagem humana vai-se diversificando. No sul, concentra-se, sobretudo, a população emigrante brasileira e, no interior, as populações ameríndias, atingidas pelo flagelo do farwest do ouro que as obriga a procurar abrigo noutras paragens, nomeadamente nas cidades do litoral, onde uma cultura dominante as assimila progressivamente. No Norte, são os descendentes dos escravos livres (os bushinengue) que impõem a sua cultura, língua e hábitos. Ao contrário do caminho que nos leva a Oyapock, o que nos conduz até ao Maroni encontra-se repleto de pequenas povoações que ladeiam a estrada e o interior da Floresta. Assim, apesar de uma diretiva francesa proibir o comércio de certos animais, como os macacos, crianças flanqueiam o caminho expondo carcaças de animais mortos, protegidos por lei. Para quem quiser parar e comprar. E se a gendarmaria passar, paciência.

Os escravos registados como « livres », na história colonial francesa, são aqueles que, tendo conseguido fugir das plantações de cana-de-açúcar, durante a escravatura, na Guiana e, sobretudo, no Suriname, se instalaram na Floresta, ao longo do rio Maroni. Formaram uma espécie de quilombos, organizaram-se e resistiram, em territórios onde ainda hoje a administração colonial não consegue impor o seu funcionamento. A língua materna não é o francês, nem todos estão registados, a escolarização acaba cedo, os filhos vêm ainda na adolescência, se lhes perguntarmos onde vivem, respondem-nos no rio. Mas no rio, onde? No rio. E continuam a insistir: vimos do rio, vivemos no rio. E, depois de um momento de reflexão, finalmente percebemos. Não vivem na Guiana. Ainda menos em França. Nem tampouco no Suriname. Estes descendentes daqueles povos africanos que, tribos diversas confundidas, conseguiram fugir e resistir à escravatura, vivem, nascem, crescem e morrem no rio. O rio é a casa. A Guiana e o Suriname uma simples divisão administrativo-política que pouco lhes diz. Este rio é o grande, intenso, magnífico, Maroni.

Quando, pela primeira vez, fui a Saint Laurent, duas sensações distintas se impuseram. Primeiro, o respeito. Respeito pela cidade, pelas suas ruas paralelas sem sinalização e as suas casas térreas protegidas por belíssimos muros de pequenos tijolos avermelhados. Respeito porque esta cidade foi construída pelos *bagnards*, esses prisioneiros políticos (muitos dos *communards* que não pereceram nas ruas de Paris acabaram aqui os seus dias) ou de delito comum, degredados para a Guiana, a partir do fim do século XIX, com o objetivo de colonizar um território até então povoado graças à mão-de-obra escrava gratuita, trazida do continente africano. A nova mão-de-obra forçada – francesa, vietnamita, laociana, cambojana, argelina, tunisina - construiu a cidade que os fizera prisioneiros. A administração colonial encontrara, assim, a solução para o povoamento guianense, uma vez abolida a escravatura, assim como para a parca mão-de-obra existente no território. Sem custos salariais. Sem preocupações com as condições de vida, de higiene ou de trabalho. Refiro-me a autênticos campos de trabalho forçado, cuja maioria se situava na região de Saint Laurent.

Quando um forçado desembarcava na Guiana, as possibilidades de voltar à terra de origem eram poucas. Aliás, os *bagnards* que haviam sido condenados a mais de oito anos de prisão não poderiam, sequer, sair do território guianense (era a tão temida dupla pena). O sonho dos degredados? *La Belle*, a Liberdade almejada, desejada, sonhada, querida. Por isso insisto no respeito. Pela cidade, pela Memória, pelos homens que buscaram intensamente *La*

belle des belles enfrentando os *chasseurs à gages*, o mangueiral, o mar incerto, os rios intermináveis, a Floresta hostil. Enfrentando os fenómenos da natureza que, a nós que possuímos - dentro dos limites cultural, social e politicamente impostos - *La Belle des belles*, tanto nos atraem. Um homem, a cabeça entre as mãos, em frente ao maior campo prisional colonial, ao lado do sublime Maroni, os pés acorrentados, homenageia em bronze os construtores de Saint Laurent.

Segunda sensação, pisar a terra dos bushinengue. Não a França colonial. Não a Guiana cuja capital se situa em Cayenne. Não a Guiana onde o português, o francês e o crioulo predominam. Aqui, sentimos a força e o domínio das cinco línguas bushinengue e da comunhão do homem com o rio. Aqui, estamos, decididamente, numa Outra terra. Aqui, mais do que em nenhum outro sítio da Guiana, somos estrangeiros. Estrangeiros cultural, cromática e linguisticamente. Estrangeiros. Ponto. Os homens têm corpos esculturais, aproximam-se com o olhar, invadem-nos com a lubricidade dos movimentos e das músicas, cativam-nos com um sorriso dourado. As mulheres, ainda adolescentes, preparam-se para a maternidade, emanando, desde muito cedo, uma sensualidade feminina que, na cultura que é a nossa, seria desde logo reprovada. Aqui, a terra, o rio, o peixe, a Floresta, os animais, os segredos, a piroga, associam-se intimamente aos bushi. A simbiose é tal que perdemos a noção geográfica da terra onde estamos.

E o rio, o rio, o rio. Sento-me à sua frente, fecho os olhos, respiro e fico um momento quieta, imóvel, apenas sentindo a força deste manancial sublime de história e de movimento. É magnífico. Em face, o Suriname. Entre uma margem e outra, pirogas fazem constantes idas e voltas. Sem controlo policial ou alfandegário. Como disse, a terra-mãe é o Maroni. Saint Laurent (Guiana) e Albina (Suriname) fazem parte da mesma história e da mesma geografia. O rio pertence-lhes. O olhar alfandegário deixa, por enquanto, esta história escorrer de margem a margem. Uma decisão à qual se encontram subjacentes razões político-sociais (mercadorias surinamesas a preços acessíveis a uma população empobrecida, trabalho remunerado – ainda que não declarado - para uma população que sempre viveu do rio e que, caso contrário, estaria votada ao desemprego e à marginalidade, «pacificação social» dos povos bushi) mas que, no quadro fluvial da Guiana e do Suriname, permite às populações que há gerações aí se encontram instaladas viver daquele que sempre lhes forneceu comida, abrigo e trabalho. E, sobretudo, que os protegeu do domínio colonial.

Apesar do vigor que exala, o Maroni acalma. Quando, na piroga, ao som do motor, um bushi nos conduz por entre as suas estradas, para nós invisíveis, qualquer agitação física se reduz ao mínimo. Este rio conforta-me. O ânimo do rio e a deferência pela Memória da cidade: assim apreendo afectivamente Saint Laurent. No entanto, se alguém ler estas linhas e, um dia, aí aportar, ficará, talvez, decepcionado. Saint Laurent manifesta, igualmente, uma certa tristeza, desolação e abandono. Creio, no entanto, que, apesar desta melancolia intrínseca, estamos perante uma cidade e um rio que se sentem, se tocam, se respiram. Sem esta percepção íntima da terra não poderemos nunca apreender, por pouco que seja, *O Maroni*.